

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE PERSONAGEM COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

Alynne Ferreira Cabral¹

Gleiton Nunes de Azevedo²

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar, através de uma revisão teórica que fundamenta a pesquisa de iniciação científica, se há, ou não, ganho terapêutico para o ator-criador quando este está em processo de criação de seu personagem, e para isso utiliza de técnicas teatrais que presentes em algumas práticas em consultórios psicológicos. Para isso serão apresentadas conexões entre intervenções terapêuticas presentes na literatura da psicologia que promovem ensaios comportamentais com função terapêutica e discutir se técnicas similares não utilizadas para esta função, como no processo de criação de personagem pelo ator, produzem efeitos terapêuticos, mesmo sem a mediação de um profissional de psicologia como mediador. Tal pesquisa se dá pela relevância de não haver muita literatura sobre o tema, além do ganho enquanto processo formativo, para que possa ser base para mais pesquisas relacionadas a esse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Processo Terapêutico. Ator. Psicologia. Personagem.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar se há, ou não, ganho terapêutico para o ator-criador quando este está em processo de criação de seu personagem, e para isso utiliza de técnicas de atuação que também estão presentes em algumas práticas terapêuticas em consultórios psicológicos, geralmente voltadas para o desenvolvimento de habilidades sociais dos terapeutizados (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012). Isto é, se uma pessoa, no caso o ator de teatro, cinema e/ou televisão, ao realizar a mesma técnica que é utilizada por psicólogos em seus atendimentos podem se beneficiar com ganhos terapêuticos subjetivos.

¹ Acadêmica de Psicologia e PIBIC 2021-2022 - do Centro Universitário Alfredo Nasser. Contato: cabralalynne@gmail.com.

² Psicólogo (PUC-GO); Mestre e Doutor em Ciências do Comportamento pela UnB; Atua como professor na Unifan. Tem experiência em aprendizagem por controle de estímulos; macrocontingências, comportamento de escolha, comportamento do consumidor, economia comportamental, música e práticas culturais. Contato: gleitonnunes@unifan.edu.br.

Este projeto compõe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC do Centro Universitário Alfredo Nasser.

A Personagem, definido pelo dicionário miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa (2015), é um substantivo de dois gêneros que pode ser uma pessoa que é objeto de atenção por suas qualidades, posição social ou por circunstâncias, ou, e aqui o que mais se assemelha ao conceito que iremos discorrer neste projeto, um papel representado por ator ou atriz a partir de figura humana fictícia criada por um autor.

Para Carl Gustav Jung (2000), pai da psicologia analítica, o conceito de personagem se mistura com a definição de *persona* e as diversas máscaras que são usadas em diferentes contextos sociais, fazendo com que cada ser humano ocupe diversos personagens, a depender da situação que se encontra.

Augusto Boal (2009), brasileiro, autor e diretor de teatro, criador e presidente do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro em 1986, e de Paris, apresentou uma nova perspectiva nas artes cênicas, ao trazer para o palco os espectadores, transformando-os em atores e fazendo com que suas demandas, necessidades e vozes ganhassem protagonismo e espaço em cena. Não à toa o espaço “O Teatro do Oprimido” nasce com a função de ser um espaço não punitivo aos espectadores, instigando-os a expressar o que lhes afligia, alcançado o *status* de desoprimido (BEZERRA, 2015).

A palavra ‘terapêutico’ se refere ao tratamento e ao cuidado das diversas formas de doenças ou disfunções que geram prejuízo a alguém. É também usada para se referir a cuidados com estética, bem estar e promoção de uma melhor qualidade de vida. Dentro desses processos terapêuticos, que proporcionam um tratamento à saúde mental do sujeito, a terapia enquanto uma prática corriqueira, realizada por profissionais psicólogos, é denominada psicoterapia, e por diversos outros profissionais que com, ou sem conhecimento da etimologia da palavra, a utiliza em diversos contextos.

A psicologia, ciência e profissão, prática regulamentada pela lei 4.119 de 27 de agosto de 1962, utiliza da psicoterapia como forma de tratamento a diversas condições psicológicas, a depender da demanda do paciente. De forma mais tradicional, ela se realiza através da prática dialética e da escuta ativa, tendo diferenças significativas a depender da abordagem que fundamenta as práticas do profissional de psicologia.

Já dentro de outras formas de terapia, utilizadas como forma de uma melhor qualidade de vida, encontra-se a arte e suas diversas formas de expressão, como a música, as artes plásticas, a dança, a escrita e as artes cênicas. E é na prática cênica que mora o objetivo deste projeto: o de encontrar similaridades entre um processo formativo de personagem e se há

ganhos terapêuticos, quando realizado, mesmo que o objetivo da criação da personagem não seja de função terapêutica.

2 METODOLOGIA

Será realizado um levantamento bibliográfico, utilizando-se como descritores: Psicologia, criação de personagem, técnicas, psicodrama, terapia cognitivo-comportamental, terapia comportamental, ensaio comportamental, psicologia analítica, Stanislavski, teatro do oprimido, no indexador *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, no período de 2014 a 2022, em língua portuguesa. Como critérios de seleção, serão considerados os artigos com dados bibliográficos que abordam relações entre a psicologia e técnicas de criação de personagens e outras informações específicas relacionadas ao assunto. Em seguida, será feita uma leitura analítica para ordenar as informações e identificar o objeto de estudo para uma divulgação dos achados.

Posteriormente, será realizada uma pesquisa de campo transversal, com o intuito de coletar informações que possam vir a contribuir com a hipótese e complementar os dados achados durante o levantamento bibliográfico. Serão convidados a participar da pesquisa atores e atrizes com idade entre 18 a 40 anos, residentes no Brasil, que possuam no mínimo 5 anos de atuação com teatro, cinema e/ou Televisão. É critério para inclusão na pesquisa que o ator e atriz participante tenha realizado ao menos 1 (um) processo de criação de personagem.

Os questionários serão definidos de acordo com o objetivo da pesquisa, observando dados como tempo em que atua, espetáculos e filmes e/ou trabalhos que já participou enquanto ator/ atriz, como foi realizado o processo de criação de seu personagem e quais os métodos e ferramentas utilizadas para este processo, garantindo o sigilo de cada participantes da pesquisa. Também será dado para a pesquisa se o ator/ atriz percebe que durante esse processo de criação do personagem algo particular, relacionado a sua subjetividade, esteve em contato com o personagem e qual foi a repercussão disso em sua vida enquanto sujeito. O levantamento bibliográfico e os dados da pesquisa serão divulgados em artigo científico, como forma de conclusão para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC.

3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS

Ao falar de criação de máscaras e personas, relacionando a psicologia, não podemos deixar de trazer a concepção de Jung (2000), ao concluir que a depender de cada situação o sujeito tem diversas possibilidades de criar *personas*, que são uma junção de aspectos de sua subjetividade com uma idealização de expectativas da sociedade e dos comportamentos que a mesma espera, a depender das circunstâncias. Assim sendo, para a psicologia analítica, o indivíduo tem, durante toda a sua vida, diversas *personas*, que em alguns casos se assemelham, mas ainda nesse discurso é evidente que o contexto histórico e social determinam qual *persona* emergirá.

Quando trazemos a palavra Personagem e relacionamos como uma criação do ator ou atriz, amador ou profissional, a partir de uma figura humana fictícia, Constantin Stanislavski (1984) traz em seu livro “A construção da Personagem”, tendo sido publicado em sua primeira edição em 1938, um manual, depois conhecido como sistema Stanislavski, de processos que um ator-criador deve passar para que sua personagem seja construída e que a mesma tenha uma verdade cênica. O autor traz uma epígrafe onde sustenta o seu pensamento de que sua técnica, ao colocar o ator-criador em contato direto com o contexto em que sua personagem está inserido, faz com que o consciente seja capaz de atingir o inconsciente; “*Por meio do consciente, atingir o inconsciente - eis o lema de nossa arte e de nossa técnica*”, ou seja, consiga expressar algo o papel de modo verossímil, pois está vivendo aquela cena no momento da apresentação (STANISLAVSKI, 1984).

Já para Boal (2009), a personagem é um processo de desmecanização do ator, sendo que o ator deveria ser capaz de fazer com que as características do personagem fossem florescidas, anulando as suas próprias, além de assumir um papel social e político importantes.

O ator, como todo ser humano, tem suas sensações, suas ações e reações mecanizadas, e por isso é necessário começar pela sua desmecanização, pelo seu amaciamento, para torná-lo capaz de assumir as mecanizações da personagem que vai interpretar (BOAL, 2009, p. 61)

Boal (1998) preserva, de forma intacta, dois principais objetivos da sua poética: “[...] transformar o espectador, ser passivo e depositário, em protagonista da ação dramática; nunca se contentar em refletir sobre o passado, mas preparar-se para o futuro”. Para Boal (2009), o espectador sendo liberado da sua condição de espectador, poderá liberar-se de outras

opressões, e assim dar voz e importância às suas necessidades, demandas, implícitas. Percebemos que neste processo de dar voz e protagonismo à plateia, no teatro do oprimido, as questões psicológicas serão componentes do personagem, visto que aqui não há uma criação de personagem, e sim uma representação da pessoa e suas demandas, demonstrando um efeito de terapêutico, a ser uma técnica muito utilizada por algumas abordagens da psicologia.

Dentro do psicodrama, por exemplo, existe a técnica do ato terapêutico, que consiste em “um único atendimento, que é realizado de forma intensa, potente, focal, sem compromisso com outros atendimentos e com o máximo de investimento técnico, pessoal ou metodológico, por parte dos profissionais” (COSTA, 2007). Estes atos acontecem somente uma vez, e por mais que possam se repetir semanalmente, são únicos em cada edição e tendem a ser aplicadas em contextos específicos, em que dificilmente ocorrerá um acompanhamento terapêutico prolongado, como grupo de moradores de rua, mulheres em situação de vulnerabilidade social, idosos e crianças.

Costa (2007) continua a dizer que o ato psicodramático acontece com início, meio e fim, e tem por base uma intervenção pontual temática, sem que haja continuidade para as pessoas presentes; portanto, encerrando ali mesmo, sendo desenvolvido no momento em que acontece a espontaneidade, aprendizado, criatividade, noções de cidadania, catarses e compartilhamentos.

Almeida (1988) traz que esta técnica de atuação com fins terapêuticos se desenvolve em três níveis operacionais: o “*role-taking*” (desempenho de papéis); o “*role-playing*” (interpretação de papéis) propriamente dito, e o “*role-creating*” (criação de papéis).

O *role-taking* é quando o sujeito que está sendo beneficiado pela técnica cria um personagem distanciado de sua subjetividade, baseado somente, neste primeiro momento, em estereótipos pré-definidos pela sociedade que está inserido. Já no *role playing*, no jogo, o sujeito começa a encorpar esta personagem com características pessoais, de sua subjetividade, e fica mais livre para descristalizar a personagem, seguindo um único modelo oferecido pelos costumes e conceitos formados pela sociedade. Na última etapa, o “*role creating*”, o sujeito assume essa personagem e a traz para sua realidade, dando a ela uma função social. O “*role playing*” é amplamente utilizado, dentro de diversos contextos, pois estimula a espontaneidade e a criatividade, além de possibilitar ao sujeito que o pratica, a possibilidade de se enxergar dentro de diversas situações, até então não experienciadas (KIRSCHBAUM; NOZAWA 1993).

O *role-play* é também utilizado em terapias comportamentais, no qual, têm demonstrado grandes contribuições como facilitadora de formulação comportamental, fazer

análise funcional da queixa e promover intervenções mais adequadas (SOUZA; ORTI; BOLSONI-SILVA, 2012), desenvolvimento de habilidades sociais (CALAIS; BOLSONI-SILVA, 2008), ainda é possível destacar a técnica de Inoculação do estresse (DEFFENBACHER, 1996), como ferramenta para tratamento de estresse pós-traumático.

Essas técnicas se assemelham a atividade teatral, pois consistem em encenar junto ao cliente, situações críticas que levariam a ele a um contato simulado com o evento estressor, e a partir disso estabelecer caminhos para agir de modo assertivo caso aconteça em ambiente real, neste caso, o psicólogo, fundamentado em práticas e teorias sobre os efeitos de um ensaio comportamental, faz com que o cliente vivencie essas situações estressantes para que ele desenvolva estratégias de enfrentamento e saiba lidar na situação. Outra técnica que acompanha essa lógica, dentro da terapia cognitivo e comportamental é a dessensibilização sistemática, que consiste em fazer com que o cliente hierarquize situações que lhe causem um determinado desconforto, e comece a entrar em contato com essas situações, na ordem da que causa um menor desconforto para até a situação que de fato o paralisa, por exemplo. É uma técnica recorrentemente utilizada em tratamentos de fobias e síndrome do pânico, não desvinculada de outras práticas como treino respiratório, técnicas de relaxamento e desenvolvimento de habilidades condizentes com o enfrentamento da queixa (CALAIS; BOLSONI-SILVA, 2008).

4 CONCLUSÕES

Considerando o processo de criação de personagens como uma técnica capaz de atingir o inconsciente através do consciente (STANISLAVSKI, 2001), e assim gerar um personagem que provoque catarse, uma liberação e identificação de processos psicológicos dos indivíduos. Ao perguntar se o processo criativo envolvido na criação de personagem de um ator, profissional ou amador, funciona para este sujeito como processo terapêutico, deparamos com diversos questionamentos: é diferente quando o ator-criador tem consciência de que as técnicas que usa são as mesmas utilizadas por diversas abordagens da psicologia, para fins terapêuticos; o ganho acontece mesmo se não há a consciência de que tais técnicas são utilizadas para tais fins; caso aconteça tais ganhos, este ator percebe uma variação em seu desenvolvimento, ou passa por ele despercebido; utilização de técnicas sem embasamento psicológico podem gerar prejuízos ao ator-criador por não compreender em qual contexto a atuação deve ocorrer. São necessárias mais investigações dentro deste campo, com pesquisas

de junto a essa população, para que tais fenômenos sejam investigados e mais literaturas dentro desta temática sejam produzidas, traduzindo os efeitos observados pelos diversos vieses de abordagens dentro do campo da psicologia para seja possível descrever a contribuição desse tema como uma alternativa prática de promoção de bem-estar do terapeutizando.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Antonia Pereira. Verdade na Cena, Verdade na Vida: Boal e Stanislavski. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 2, p. 413-430, dez. 2014.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond/Funarte, 2009.
- CALAIS, S. L.; BOLSONI-SILVA, A. T. Alcances e limites das técnicas comportamentais: algumas considerações. *In*: CAVALCANTE, M. R. (Org.). **Análise do Comportamento - avaliação e intervenção**. São Paulo: Roca, 2008.
- COSTA, Liana Fortunato *et al.* *Single session work*: intervenção única com a família e adolescente em conflito com a lei. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo ,v. 17, n. 3, p. 104-113, dez. 2007 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0104-12822007000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 jun. 2021.
- DEFFENBACHER, A. Inoculação do stress. *In*: CABALLO, V. E. **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos Livraria e Editora, 1996. p. 117-49.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KIRSCHBAUM, Débora I. R.; NOZAWA, Márcia Regina. O psicodrama em sala de aula: uma estratégia de ensino para o desenvolvimento do papel profissional da enfermeira. **Revista Brasileira de Enfermagem [online]**, v. 46, n. 3-4, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671993000300016>. Acesso em: 10 maio 2021.
- SOUZA, Vivian Bonani de; ORTI, Natália Pinheiro; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. *Role-playing* como estratégia facilitadora da análise funcional em contexto clínico. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 14, n. 3, p. 102-122, dez. 2012 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452012000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2021.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

THONES, Ana Paula Bellochio; ROSA JR., Norton Cezar Dal Follo da. A travessia da criação do personagem: aproximações possíveis entre teatro e psicanálise 1. **Rev. bras. psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 200-212, set. 2012.